

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Maria Gracinda Gonçalves

registada em 2009-02-10
por

Jenny Campos e Susana Pires

Maria Gracinda Gonçalves

Maria Gracinda Gonçalves nasceu no dia 22 de Fevereiro de 1931, na Mourísia, em casa. Os pais, Maria Palmira Gonçalves e Manuel Gonçalves dos Santos, trabalhavam na fazenda. Numa casa pequena, com dois quartos, criaram quatro filhos. “Governava-se tudo das fazendas.” Gracinda nunca foi à escola para aprender. “Naquele tempo, diziam que as raparigas não deviam aprender.” As raparigas tinham de trabalhar. Por volta dos 12, 13 anos foi servir, guardar gado. O tempo para brincar era pouco, mas quando surgia a oportunidade brincavam à “cisca barrisca”, aos jogos de roda e às escondidas e, mais tarde, era a dançar nos bailes. Conheceu o marido quando este começou a vir à Mourísia. Tiveram um namoro pequeno, “nem soube o que era namorar”. No dia do casamento foram a Pomares receber. Levaram a merenda e só à noite chegaram à Mourísia. Daí a três anos nasceu o filho mais velho. Teve quatro filhos: duas raparigas e dois rapazes.

Índice

Identificação Maria Gracinda.....	4
Ascendência "Governavam-se das fazendas".....	4
Casa "Uma casa pequenininha".....	4
Educação Só para os rapazes.....	5
Infância Entre fazendas e brincadeiras.....	5
Religião Dia de farra.....	7
Namoro Sem saber o que era namorar.....	8
Casamento Em jejum.....	9
Descendência Quatro filhos.....	9
Costumes Outros tempos.....	10
Lugar A história da aldeia.....	13
Sonhos As letras e os números.....	16
Avaliação "Uma recordação".....	17

Identificação *Maria Gracinda*

Sou Maria Gracinda Gonçalves. Nasci no dia 22 de Fevereiro de 1931, na Mourísia. Foi em casa. Primeiro era em casa.

Ascendência "*Governavam-se das fazendas*"

A minha mãe era Maria Palmira Gonçalves. O meu pai era Manuel Gonçalves dos Santos.

Os meus pais trabalhavam na fazenda. Lavravam-se as terras, naquele tempo, andavam bois e andavam mais pessoas. Lavrava-se as terras, depois semeava-se o milho, depois tinha-se que se sachar, que se empalhar, tinha que se enleirar, tinha que se acartar o estrume. Era tudo assim. Fazer cavadas pelas terras. Governava-se tudo das fazendas.

As fazendas eram de outras pessoas, porque a gente tinha pouco. O meu pai nada comprou. Somos quatro irmãos, três irmãs e um irmão. Naquele tempo não era nada a cada um. A gente criou-se em fazendas de renda. Trabalhar, a cavar, a botar o estrume. Os bois passavam e a gente andava atrás a botar o mato e a cavar. Era a fazer tudo o que era preciso. Depois eles lavravam e a gente tinha que atupir por baixo, enterrar o milho com uns paus e depois tinha que se sachar, tinha que se enleirar, até se apanhar.

Casa "*Uma casa pequenininha*"

Era uma casa pequenininha, tinha só dois quartos. Os meus pais dormiam num e nós dormíamos noutra. Dormíamos todas três, eu com as minhas irmãs. E o meu irmão dormia no outro sótão, por cima. Sabe Deus como a gente se viu criar. Não tinha casa de banho. Era para uns bacios. E ao outro dia tínhamos que ir despejá-los. Para tomar banho era numa bacia, que a gente se lavava. Era, não havia como há agora. Agora, eu tenho ali um polibã. E em primeiro era numa bacia que a gente se lavava. Lava-se esta, lava-se aquela e era assim que a gente tinha que fazer. Estava a nevar e tínhamos que ir debaixo de neve "pia além"¹ para irmos fazer o que tínhamos a fazer. Debaixo de neve e ela a cair por cima da gente. Era muito duro. A cozinha era por cima, tudo farrusco. Acendiam o

¹por aí além

lume no chão, e depois ele ia pela casa toda. Estava tudo cheio de fumo. Não havia fogões, depois é que começaram a usar os fogões pequenos. Tínhamos que os ir buscar para os lados de Cebola. Eu nunca lá fui. Aqueles fogões pequenos e já eram melhores, já não botavam o fumo para fora. Mas primeiro as casas metiam nojo.

Educação *Só para os rapazes*

Eu nunca fui à escola. Só fui quando já andavam os meus filhos. Mais nunca fui para a escola para ir aprender. Naquele tempo, diziam que as raparigas não deviam aprender. Por via dos rapazes. Era só os rapazes que tinham que aprender, diziam os nossos pais. Eu tenho pena em não saber, que eu, às vezes, entretinha-me aqui a ler e assim não me entretenho com nada. É assim. Naquele tempo só os rapazes é que precisavam, as raparigas não. Agora é rapazes, é raparigas, é tudo. Os meus aprenderam, todos fizeram a quarta classe. Tenho duas raparigas e dois rapazes. Todos fizeram a quarta, mas não era nada, naquele tempo.

Infância *Entre fazendas e brincadeiras*

O trabalho era para as raparigas

As raparigas tinham que ir trabalhar. Tinham que ir ao mato e à lenha e fazer as cavadas. Quando era à noite trazíamos um molho de lenha. Tínhamos sempre que fazer. Não sei que idade tinha quando comecei. Se calhar ainda nem prestava para fazer nada e comecei a guardar o gado. Eram umas ovelhas e cabras. O mais novo é que tinha que guardar o gado. Não tinha força para andar atrás delas, descalça. Por cima de silvas e de tudo. Depois fui para servir, também fui para guardar gado. Chegava a casa e tinha que ir acartar a água. Eu passei uma vida... Punham a gente a servir por modo de ganhar alguma coisa para casa. Para comprarem as terras. Mas o que é que a gente ganhava? Era só para vestir e calçar. Mais não ganhava quase nada. Tinha uns 12, 13 anos, não tinha mais. Era um bebézelho. Às vezes ia a minha mãe, de 15 em 15 dias. Eu vir a casa não vinha, eles é que lá iam. E alguma coisa de dinheiro que lá tinha de mês a mês, lá o traziam. Estive na Benfeita, no Travasso quando a gente vai para o Cabeço da Chama. Eram só três moradores naquele tempo. A guardar as ovelhas, no Inverno e no Verão. Os patrões tratavam-me muito bem. Ainda assim, não tenho o que dizer. Muito comer, muito comer. Azeitonas era de uns anos para os

outros. Até me iam levar o comer, quando andava perto. Deixava as ovelhas e as cabras, e eles iam-me levar e eu comia ao pé delas. O rebanho não fugia, mesmo as que eu agora tenho andam de roda de mim, só a ver quando é que eu me venho embora. E aquelas eram na mesma. Eu cantava muito, andava sempre a cantar, assim em frente da casa, e depois os meus patrões quando me ouviam a cantar:

- "Olha ela não está a dormir, anda a cantar."

Se não me ouvissem cantar já sabiam que eu estava a dormir. Mas o gado não saía do pé de mim para fora. Nunca levei porrada por via do gado ir para outros lados. Era uma beleza. E estas agora é na mesma. Sento-me aqui, tenho que me mudar para elas irem comer. Que elas não vão. Se não me virem voltam para trás.

Hora marcada

Eu e os meus irmãos brincávamos uns com os outros. O meu irmão ia brincar com os colegas e a gente brincávamos umas com as outras. Mas a gente naquele tempo não tínhamos tempo de brincar. Tínhamos que ir para o gado. E vindo do gado ainda tínhamos que acartar a água, que, naquele tempo, não havia água em casa. Só depois de noite é que a gente, às vezes, andávamos às escuras atrás umas das outras. Brincávamos à cisca barrisca e aos jogos de roda e depois às escondidas. Escondia-se, por exemplo, começava uma a contar e eu ia-me esconder e depois essa ia achar a gente. A cisca barrisca era atrás uns dos outros. E depois começáramos a dançar e era para o baile a dançar.

Era muito raro brincarem os rapazes com as raparigas. Eles brincavam uns com os outros e a gente brincava umas com as outras. Mesmo no baile também era assim, começávamos a dançar umas com as outras, depois eles vinham-nos apartar e dançávamos depois com eles. Era mais as raparigas umas com as outras. Mas era cada uma fazendo a sua obrigação, se não fosse não a deixavam. E vindo o domingo, marcávamos a hora, tínhamos que estar em casa. Se não estivéssemos iam lá com um cinto, tiravam o cinto e levávamos umas cinturadas. Naquele tempo era assim, malhavam na gente diante de qualquer pessoa. A gente ficava toda envergonhada. Também não havia relógios, naquele tempo.

- Mais ou menos deve ser horas de a gente...

Vinha sempre a tempo e a horas para casa. Às vezes, a minha irmã ainda ficava mas chegava a casa, já o meu pai, que Deus tem, estava na cama. Levantava-se e ainda a vinha malhar. E eu salvava-a.

Religião *Dia de farra*

Andei na doutrina. Era em Pomares. Não havia carro. Era tudo a pé. Agora daqui para a Moura já é tudo de carro. A gente caminhava e brincávamos umas com as outras. Esse dia é que era uma farra. Levávamos uma linha e aquilo dobrava-se e:

- Vá, agora puxa tu.

Depois era, é o teu amor e fazíamos aquilo assim. Até com os rapazes. Às vezes juntavam-se, eram conhecidos da freguesia e também brincavam. Íamos descalças daqui para Pomares, só em Pomares é que calçávamos uns chinelitos de pano, que agora já nem se vêem. E a gente andava tudo alegre. Agora, anda tudo bem vestido e tudo triste. Quando chovia ou nevava era com umas tamanquitas, tinham um pauzito e para a frente eram uns paninhos para dentro. Aquilo tombava, enrolava-se a neve naquilo. Tanta vez que vim descalça do mato. Não se podia andar, com a neve. Eram dias e dias, dias e dias. Mas eram uns nevões que não se rompiam. Só a gente a pé. Não se podia de outra maneira. Tinha que se ir ao mato, mesmo debaixo de neve. Nem que a gente tivesse muito, naquele tanto tempo acabava-se. Depois tínhamos muito gado. Tínhamos um rebanho de cabras, tínhamos um rebanho de ovelhas. Aquilo dava muito trabalho. Andávamos quase todo o dia ao mato, quando estava bom, que se apanhava um dia assim esteado, andava-se todo o dia ao mato. Chegava-se lá pousava-se este molho e ia-se buscar outro. Só vinha a gente comer alguma coisa e tornava a ir. Era muito duro.

Eu fiz a Comunhão. Os meus filhos também fizeram. E eu também fui crismada, naquela altura. Para a minha filha mais nova comprei-lhe um vestido, branquinho e uma vela e não sei o que era mais. Ia muito bonita toda de branquinho. Na minha comunhão eu não sei. Com certeza fui com a roupa que trazia. Naquele tempo não havia dinheiro. Se havia alguma coisa era para comprarem mais fazenda. Eu e as minhas irmãs fomos criadas muito mal. Porque não havia roupa. A gente até se envergonhava de ir para o pé das outras. Porque as outras andavam assim bem arrançadas. Até, às vezes, a roupa que era para se vestir à segunda-feira, tínhamos que a tirar depois que vínhamos da missa. Tínhamos que tirar aquela e pô-la além e ir lavar para o outro dia vestir. É verdade, era assim naquele tempo. Tinha que ser.

Namoro Sem saber o que era namorar

Conheci o meu marido quando vinha por debaixo do Sobral Gordo. Deu em vir à Mourísia e demos em nos conhecer. Depois veio, é que então pediu ao meu pai. Agora já nem se pede aos pais, nem nada. Pediu se eu podia ficar com ele. Se ele me dava ou assim. Naquele tempo era assim. Não namorámos muito tempo, parece que não chegou a dois meses. A gente nem soube o que era namorar. Agora andam dois e três anos. Eles não deixavam a gente estar um com o outro. A gente se falava um para o outro, estava o pai ou a mãe ao pé. Não deixavam estar a gente a conversar um com o outro. Agora conversam, namoram, vão para aqui, vão para ali. Eu nunca saí com ele. Nunca. Ele vinha cá ao domingo, falávamos um com o outro, estávamos em casa ao pé dos meus pais e pronto.



Armando, marido de Gracinda

Casamento *Em jejum*

O dia do casamento tivéramos que ir a Pomares receber. Levaram a merenda e ao fim do padre receber é que então comêramos. Íamos em jejum, eram algumas três ou quatro horas. Da Mourísia a pé, para Pomares. E depois viéramos outra vez. Chegáramos aqui à noite e então é que se juntou tudo a família e comemos todos ao pé uns dos outros.

Eu ia com um vestidelho, somenos. Já nem sei do resto dele. Não foi de branco, nem nada. Íamos aí todos, uns aqui mais adiante, uns mais lá longe, ia tudo. Caminhava a gente bem. O meu marido comprou uma roupa preta. Nem gravata levou. A roupa era preta, as calças, o casaco e os sapatos. Bem vá lá, nessa altura ainda foi assim menos mal. Também eram pobres, tinham muitos filhos.



Armando, marido, Francisca, neta e Gracinda

Descendência *Quatro filhos*

Parece-me que foi daí a três anos que tive o meu filho mais velho. Tenho dois rapazes e duas raparigas. Mas não está nenhum na Mourísia. Não casou cá nenhum. Tenho dois em Côja, uma rapariga e um rapaz, o mais velho. E o outro rapaz está em Lisboa e a outra rapariga está em Arganil. Se eu tivesse um na

terra, sempre estava mais tranquila, conversávamos à noite e tudo. E assim são umas noites grandes e eu sozinha a mais Deus.

Costumes *Outros tempos*

A ordenha e o queijo

Éramos nós que ordenhávamos as cabras e as ovelhas. Aquele leite, põe-se a coalhar e depois faz-se o queijo. Faz-se com um acincho. Coalha-se e depois ele estando feito, tira-se com uma concha para o acincho e faz-se. Estando secos pode-se comer. Se o tempo vai bom secam-se mais depressa, se vai de chuva leva muito tempo. Mas vão-se lavando, eles vão-se secando, fica o queijo bom e pronto. Mas também se pode comer, por exemplo, fazê-lo hoje e amanhã comê-lo, ou até mesmo logo. O leite coalha botando-lhe o cardo. Botam uma flor, aqueles cardeiros e agora já há um pó, na farmácia. E a gente, com aquele pó, bota um bocadinho, depois mexe. Põe-se a amornar e fica uma coalhada que é uma maravilha. Faz-se bom queijo. Mas em primeiro até era destas do campo, que botam a flor, esses cardeiros, mas nunca experimentei com isso. Isso também coalha. Diziam que ficavam bons. Não sei.

Agora só tenho cabras. Já não tenho ovelhas. Só tenho duas cabras e uma chiba e um chibo. Mas quando tinha ovelhas, vendia a lã. Vendiam-na, faziam roupas e tudo. Agora já não há roupas de lã. Assim com lã tão boa, como era. Até saias, ainda cheguei a romper uma saia daquela lã, que até tingia as pernas. Botava aquela tinta.

Pão escarpeadinho

O milho era para a gente comer. Pouco vendíamos. Naquele tempo, ia-se moer aos moinhos. Era quase ao pé do Sobral Gordo. Ia-se moer a farinha, levava-se o grão e depois punha-se a moer. Eram duas pedras, uma por baixo e outra por cima. O milho caía naquele olho e formava a farinha. Depois peneirava-se a farinha, aquecia-se o forno, cozia-se a broa e comia-se. Eram umas cestas de broa para se comer toda a semana. E acabando-se tinha que se tornar a ir moer e a cozer.

A broa faz-se assim: a gente peneira, amassa, aquece o forno e depois bota-se. Eu agora cozo no fogão. Também já cultivo pouco, porque agora não posso trabalhar. O meu marido faleceu. Primeiro éramos os dois, cavávamos e

semeávamos, fazíamos tudo. Depois ia-se criando, tirava-se-lhe a folha, depois o milho estando maduro apanhava-se, malhava-se e depois levava-se para o moinho, para se moer. A gente peneirava a farinha, tem a gente umas peneiras, depois põe-se a fintar. Estando o forno quente bota-se e é comê-la. Não havia trigo, não é como agora. Quando a gente comia trigo até se consolava. Era só lá de festa a festa. Era, era. Tinha que se trabalhar muito. Juntavam os regueiros lá dentro para a eira. De centeio, acartava-se o centeio, depois malhavam. Também se moía. Aquilo ficava ali um pão que eu sei lá! Muito bom! Escarpeadinho e tudo. A gente comia um bocado de pão mas coziavam-se fornadas grandes, traziam umas cestas cheias. Às vezes, coziavam duas e três pessoas ao mesmo tempo. Faziam aquelas fornadas. A gente fazia-lhe um buraco com um dedo. Ficava lá o dedo marcado na broa. E se eram mais tinha que se fazer de outra maneira que era para depois saber que broas eram dela.

"Aquilo era uma beleza"

No dia da matança era matar os porcos, e depois íamos lavar as chouriças à ribeira. Ao outro dia migava-se a carne. À noite, enchíamos e punham-se a secar. Aquilo era uma maravilha, e fazia-se torresmos daquela carne que se tirava. Aquilo era uma festa. Fazia-se chouriças de carne, cortava-se a carne para umas bacias e depois punha-se a demolhar. Botava-se-lhe sal e tudo e ou outro dia com umas enceideiras vira, vira, vira...Depois enchiam um caniço de chouriças. O dia em que se matava era só comer. Por exemplo, juntava-se a minha família, juntavam-se as mulheres e os homens, a agarrar os porcos. Muita gente ainda filmava aquilo e era bonito. E eu também ainda matei muitos. Mandeí matar, que eu não os matava. A gente amparava o sangue para uma bacia, depois cortava-se fino. Punha-se com cebola, fritava-se a cebola e depois punha-se o sangue, aquilo era muito bom.

Para conservar a carne punha-se numa salgadeira, as peças maiores era no fundo. Depois botava-se bastante sal e esfregava-se com o sal aquela carne. Bem esfregadinha, punha-se a carne e botava-se mais sal. Depois punha-se outra peça, punha-se outra vez sal. Dali a um tempo, quando se queria comer, ia tirava-se um bocado e trazia a gente para comer. E as chouriças era na mesma, estando secas, tiravam-se, punham-se no azeite, numas panelas. Mas, se estivessem no azeite estavam mais fresquinhas, no Verão. Aquilo era uma beleza.

Dança ao som da flautita

A padroeira da Mourísia é a Senhora da Assunção. A festa é em Agosto. Ainda se faz mas pouco porque isto agora já está tudo mau. E há pouca gente mas pronto sempre é o dia da festa. Vem o padre dizer a missa. Primeiro era no dia de Santa Cruz, era em Maio. Era uma grande festa, mas também só vinha o padre dizer a missa porque não havia dinheiro para modo de convidar estes conjuntos. Dançavam ao som de uma flautita. Tocavam e a gente toca a dançar. Era o dia em que comíamos melhor e que a gente andava com uma roupelha melhor. Comíamos arroz, só aquele dia é que se fazia arroz e tigelada e bolos. A gente estava toda contente:

- "Já vem a festa para comermos arroz."

Era aquela alegria que a gente tinha.

A tigelada é com ovos, põem-se numa bacia, batem-se bem batidos, bota-se o açúcar e depois põe-se a cozer no forno. É um doce. Até a gente se consola. O arroz cozido também é um doce. Pô-lo assim nuns pratinhos, depois bota-se-lhe um bocadinho de canela. É bom! A carne, quando era pelas festas matava-se uma rês, arranjava-se para uma bacia, partia-se, depois punha-se numas çaçoilas, punha-se no forno e depois tirava-se. Trazia-se uma çaçoila para a mesa, tudo dali comia.

O magusto

No dia do magusto juntava a minha família e fazíamos em casa. Assavam-se as castanhas num assador furado. Depois sacudia-se, para modo de elas se virarem e depois comia-se. Antigamente havia muita castanha. Agora há menos. Agora também se queimaram. Mas naquele tempo havia. Punham a secar, faziam uns caniços com rede, com umas ripas, punham-se lá e também secavam. Depois é que as pisavam e despejavam dentro de um cesto: ruque, ruque, ruque. Despejava-se, botava-se para uma cesta e ia-se apanhar mais. Nesse dia eu é que tinha que ir para o caniço apanhar as castanhas. Quando vinha tinha que tomar banho, toda suja. Toda enfarruscada, a cara, os pés, a roupa, tudo.

Sem prendas

O dia de Natal era um dia como os outros. Não era como agora. Agora no dia de Natal vou sempre passar ao pé das minhas filhas, assim já é diferente.

Ninguém dava prendas. Isto foi agora há pouco tempo, em primeiro não havia. A gente não dava prendas nenhuma. Nem dava, nem as recebia.

Cesta de ovos e queijos

A Páscoa, enquanto a gente era solteira, davam o foliar. Davam uma roupita, outras vezes um pãozito. A gente comia o pãozito e pronto era assim a Páscoa. Davam as boas festas. Vinha o padre e vinha os irmãos que traziam as opas. E com a Cruz vinham dar as boas festas. Também davam um foliar ao padre. Era até ovos. Andavam dois, com dois cestos, para modo de botar os ovos e outro para levar os queijos. Eu nunca lá fui a Pomares mas ainda lá foram algumas levar duas cestas de ovos e queijos. Aquilo com certeza vendiam, porventura não podiam comer tanta coisa. Todas as freguesias. E daqui para Pomares com uma cesta à cabeça. Ai Jesus credo. Agora levam-lhe dinheiro.

Lugar *A história da aldeia*

"Tudo trabalhou"

A Liga de Melhoramentos agora nem têm feito nada porque é pouca gente e também fazem pouco dinheiro. Noutro tempo era um sobrinho meu o mais que estava diante de tudo. Ainda fez a casa da Comissão. Tudo trabalhou, vinha o Verão, estava-se na rega, deixávamos tudo e vínhamos fazer aquelas placas. Tudo trabalhava. Amassar à mão, botava-se um saco de cimento, depois areia, depois aquilo tudo. Era uns de um lado, uns de um lado, outros do outro a amassar e depois para as placas a acartar a massa, a acartar a tijoleira. Num dia punha-se ali uma placa. Que ela por baixo parece-me que foi num dia. Andáramos era uma meia-noite e a gente ainda lá. Nem comer se comeu nesse dia. Tudo ali a trabalhar. É verdade. Uns a fazerem uma coisa, outros outra. Uns amassavam, outros acartavam com os baldes, botava-se para os baldes, com uma pá. Depois acartávamos com os baldes. Quando era o resto a gente andava partida. Tanto acartar. Foi o melhor melhoramento foi aquele. Fizeram lá em cima na capelinha um, um muro.

Era mais sujo

A Mourísia pouca diferença tem de antigamente. Há mais casas, está tudo mais bem arranjado, as ruas não eram arranjadas. Se fosse como agora a gente até andava melhor a correr nas ruas. A gente enterrava-se naquilo. Sujava-se toda, caíamos naquele borralho, tudo quando era no Verão. Se fosse como agora a gente ia por aqui e por ali, não se sujava.

Em primeiro ainda havia muita gente. Estava cá muita gente, muita mocidade. Agora deram em ir para Lisboa e alguns ainda para foram novos, lá se criaram e lá estão. Aqui não se ganhava nada. E em Lisboa sempre deram em ganhar alguma coisa. Iam para as obras e nisto e naquilo. Sempre se governam melhor. No Verão ainda há aí muita gente, agora no Inverno, não há cá ninguém.

Água no cântaro

Primeiro não havia água. Tinha a gente que vir à fonte buscá-la. E, às vezes, quando era no Verão elas não botavam quase nada, íamos e estávamos um carreiral delas. Todas com o cântaro. Era por vez, ia-se enchendo aquele, depois enchia a outra, assim tudo seguido. Se fosse como agora, a gente chega a casa e tem água em casa. Naquele tempo, tinha que se ir buscar. Tínhamos porcos, gastava-se muita água. Chegava a gente a casa, despejavam-no:

- "Vai lá buscar mais."

- Agora já não vou.

- "Não vais? Então torna a dizer que não vais."

A gente tinha que ir e pronto. Chegava e estava aquela gente toda. Havia uns cântaros de barro grandes. Trazíamos à cabeça, para cima, para o cimo do povo, ali todos os dias a acartar os cântaros.

Médicos, parteiras, rezas e barbeiro

Antigamente não havia médicos. Mas também não foi preciso médico para ter os meus filhos. Tive-os em casa. Em primeiro eram as mulheres que ajudavam quando eram os partos. Uma ainda está na Cerdeira, era a tia Adelaide. Que assistiu a esta minha mais nova. E as outras já morreram, uma era Emília, era a sogra do meu vizinho. Em primeiro quase todas elas ajudavam, a preparem. Não era muito fácil tê-los. Agora já dão mais aquelas injeções.

Se por exemplo davam um jeito a um braço andavam a rezá-lo, outras vezes andavam a encaná-lo. Se fosse só estroncado, que desse mais jeito, essas mulheres sabem. Uma mulher que era minha vizinha, essa sabe muito desses "rezamentos". Assim, punham um pente, depois com aquilo andavam com a agulha, cosiam de um lado e do outro. E diziam aquelas palavras. Ela dizia:

- "Coso nervo torto, isso mesmo é que eu coso."

E depois dizia outra coisa e era assim. Punha um panelito, virava-se para baixo e a água subia pelo pannelo para cima. Há coisas de admiração. Depois com o tempo sarava. Não havia médicos e agora também há poucos mas naquele tempo era pior.

Também vinha um senhor da Benfeita. Até era bom. Ele era só barbeiro, chamavam-lhe barbeiro mas ele era como um médico. E havia muitos chás. Era da flor de sabugueiro e de muitas. Agora até dizem que o que é das urtigas que também é bom. E dos "montrastos" que também é bom. Eram bons para a gripe. Era com o que curavam, não era com remédios nem comprimidos nem nada. Curavam-se assim as pessoas.

A invenção da caixa

Primeiro já havia correios, era de Pomares para cima. Vinham a pé, agora já é de carro. Agora é que inventaram isto das caixas e é muito melhor, vêm e põem. Se as pessoas estavam entregavam, se não estavam deixavam, ou levavam e ao outro dia traziam outra vez. Era assim.

"Tudo para a Moura"

O monsenhor António Pereira de Almeida era da Moura e quando a gente mudou para a Moura foi ele que tratou de tudo para a gente mudar, que era mais perto. Já há anos que ele faleceu. Depois foi tudo para a Moura. Ainda o conheci.

"O castanheiro é muito engraçado"

Adiante aos Portos há um castanheiro. Era onde a gente ia lavar as chouriças, era naquela levada. Outra por baixo, umas aqui e outras ali, com a chouriça, era uma alegria. O castanheiro é muito engraçado. Eu numa altura qualquer no Verão, no Inverno não, hei-de lá ir. Há que tempos que ando para ir. Depois fizeram aquele pontãozinho nunca mais lá fui. Quando é no Verão isto é bonito, mas no Inverno digo mesmo que é feio. No Verão gosto imenso

de estar na Mourísia, mas no Inverno custa muito. É muito custoso. Muita neve. Em primeiro não me custava nada, gostava de estar, tinha cá o meu marido e tudo, era uma consolação e uma alegria. Da Mourísia vê-se a Feiteira e os Portos. Muita gente lá vai, quando é no Verão, vão por aí além, e estão lá a gritar. Outras vezes vão lá acima para o Pião também. E é assim, é as vistas disto, mas em cima tem muita vista, na serra.

Contava o pai

Não me lembro dos lobisomens mas ouvi contar que havia isso assim. Dizia o meu pai, que era o lobisomem. Que se pousassem num cão, que era nisso que ele se fazia, num cão. Se era duma rês qualquer fazia-se naquilo. Contava ele muita vez. No que se pusesse, se fosse numa galinha, era numa galinha. Se pisasse o cocó dela ou assim, era nisso. Diziam que se lhe quisessem tirar aquele mal, por exemplo, eles passavam aqui, uma pessoa daqui, com uma agulhada picavam-no. O que tinha na mão, tinha que largar, senão vinha para eles. Andavam aí de terra em terra.

Gosto pela terra

Gostava de estar na Mourísia, pronto é cá a minha terra, se não gostasse de cá estar já cá não estava. Claro estive nesses lados que eu estive, estive muito tempo. Quando as minhas irmãs, então, se casaram é que eu depois vim para casa. Já não fui mais para servir.

Sonhos *As letras e os números*

Eu por mim já gosto pouco porque estou no resto. Já não tenho alegria. Mas gostava de ver ainda algumas coisinhas feitas para os meus netos e para os meus bisnetos. Que eles um dia vissem este melhoramento. Gostava, por exemplo, um baloiçozinho para quando é no Verão eles se entreterem. E o que eu também gostava era de saber ler, entretinha-me aqui um bocadinho. Assim não sei, estou triste, não sei uma letra. Tenho telefone, tenho que ir chamar uma pessoa para mo ir ligar e tenho que lhe dar alguma coisa. Custa-me vir chamar a pessoa e não dar nada. As minhas filhas andaram para me ensinar, o meu marido sabia de números. Ele ainda andou na escola, mas, naquele tempo, os pais queriam é que eles trabalhassem, com uns tamancos. Depois iam tarde e ainda tinham que ir ao mato de manhã. Chegavam à escola e elas batiam porque já iam atrasados,

não chegou a aprender nada. Mas eu é que não. Ia lá quando elas lá estavam as professoras por causa dos meus filhos, mais não era para aprender uma letra. Tomara eu. Já tenho visto, na televisão, pessoas que andam agora a aprender. Eu se houvesse isso deixava tudo e ia aprender. Nem que fosse por um ano, ou por um mês ou por dois eu ia. Eu ia a ver se conseguia aprender, para gostar de estar a ler. É verdade, gostava. Isso digo mesmo, gostava imenso. Não há aqui nestes sítios. Se fosse noutros sítios, estava uma mulher, estava a dar na televisão, aqui há tempos e eu até disse assim:

- Sim senhor!

Não sabia uma letra pois agora já faz o nome dela, eu se soubesse fazer o meu nome já era bem. E conhecesse algumas letras. Não conheço os números. Nada feito.

Avaliação "*Uma recordação*"

É um dia uma recordação para os meus netos e para os meus bisnetos. - "Olha, esta era a tua avó. Era isto..." Lembro-me eu que seja assim. Eu acho que sim, que é importante. Eles saberem o que a gente passou porque muitos não sabem. Os meus netos agora, os meus bisnetos ainda menos. Eu penso assim.